
Os Agentes Intermediários Ativistas Culturais da Folkcomunicação e o São João de Valongo em Portugal¹

Oswaldo Meira Trigueiro²
Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

Resumo

A Festa da Bugiada ou festa de São João de Sobrado, uma freguesia do Conselho de Valongo em Portugal, é uma tradicional celebração do calendário religioso e profano do catolicismo popular, realizada no início do verão. É um campo fértil de investigação para os estudos da folkcomunicação por ser estruturada e organizada por frentes de negociação entre os grupos sociais da localidade portadores da tradição e os grupos da exterioridade cujo interesse é a apropriação da festa como um grande espetáculo popular. O artigo busca compreender as complexas redes de mediações convergentes entre os agentes intermediários culturais ativistas da folkcomunicação e os agentes da indústria de entretenimento, que têm os mesmos objetivos da realização da festa nos territórios híbridos das ressignificações culturais.

Palavras-chave

Folkcomunicação; Intermediários ativistas; Atualidade; Ressignificação.

Corpo do trabalho

Introdução

Neste artigo descrevo, mesmo que sucintamente, alguns aspectos da extraordinária festa da Bugiada ou festa de São João de Sobrado, uma Freguesia do Conselho de Valongo localizada na área metropolitana do Porto, no Norte de Portugal. As observações exploratórias que realizei nos anos de 2013 e 2015 durante a festa da Bugiada, tiveram o objetivo de compreender como operam os agentes intermediários culturais da folkcomunicação no desenrolar das batalhas festivas pelas ruas da cidade entre os Bugios (cristãos) e os Mourisqueiros (mourous) além de outras atrações. BELTRÃO, 1980; BENJAMIM, 2000; MELO, 2008; TRIGUEIRO, 2008, 2018)³.

¹ Trabalho apresentado no GP Folkcomunicação, Mídia e Interculturalidade, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Prof. Dr. Associado Aposentado - Centro de Comunicação, Turismo e Artes CCTA/PPGC, Universidade Federal da Paraíba. meiratrigueiro@gmail.com

³ Para melhor entendimento da Teoria da Folkcomunicação e dos agentes intermediários ativistas culturais, ver as referências aqui citadas.

São essas especificidades da festa em Sobrado que a diferenciam das demais festividades aos santos populares, Santo Antônio, São João e São Pedro, que venho estudando nestes últimos anos em diferentes regiões do Brasil e especificamente em Campina Grande e Caruaru, na Região Nordeste. Como as nossas festas populares são heranças diretas das festas Ibéricas, que ao longo dos anos atravessaram o Atlântico e foram incorporando bens culturais tropicalizados dos nativos e dos africanos que aqui chegaram no período colonial, senti a necessidade de observar – *no próprio local* – algumas festas, do ciclo junino, em território português numa tentativa de melhor compreender as ressignificações e os processos de atualizações no contexto da sociedade midiaticizada no Brasil e em Portugal, como é o caso das Marchas Populares em Lisboa em homenagem a Santo Antônio, as festas de São João no Porto e em Braga, festa de São Pedro em Gaia e tantas outras realizadas para celebrar os santos populares do mês de junho.

Em Sobrado as batalhas festivas entre cristãos e mouros pela posse da imagem milagrosa de São João, as irreverências socioculturais do mundo pelo avesso com as representações simbólicas próprias das festas carnavalescas estão presentes nas festividades da Bugiada de Sobrado, que se realiza todos os anos no início do Verão na região do Norte de Portugal.

A religiosidade popular, desde a antiguidade, sempre foi alimentada pela criatividade, pela espontaneidade e pela aculturação dos seus seguidores que, através dos longos anos de peregrinações – *andarilhos* – rumo aos lugares sagrados, contavam as histórias de vida nas feiras, nas procissões, nos pagamentos de promessas, nas festas religiosas da piedade popular e em tantas outras atividades da vida cotidiana fortemente marcada com a presença da igreja na Idade Média (LE GOFF, 2013).

Os peregrinos – *andarilhos* – operaram estratégias de comunicação nas extensas redes mnemônicas (ZUMTHOR, 1993), muitas vezes dissimuladas, astutas, camufladas, como táticas de convivências e de conveniências, quando necessário, mas nunca desatentos, resistindo e interpelando os fatos e adaptando aos hábitos e costumes, mesmo entre “a cruz e a espada” da dominação da igreja no período medieval no Velho Mundo.

Algumas festas religiosas do catolicismo popular foram deslocando-se das grandes procissões de Corpus Christi, reinventando-se, porém, sem perder os seus significados representados nas seculares batalhas santas entre o bem e mal, o azul e encarnado. Melhor dizendo, entre cristãos e mouros, batalhas essas, que continuam presentes nas diferentes encenações dos espetáculos populares, das danças, dos folguedos, das narrativas orais

tradicionais, que contam os feitos heroicos do Imperador Carlos Magno e os Doze Pares de França na luta contra os infiéis e na expansão do cristianismo.

Assim como em Portugal, no Brasil algumas manifestações tradicionais continuam representando as batalhas entre cristãos e mouros nos folguedos, nas danças, nas canções, nos contos, nos romances, no folheto de cordel e em tantas outras expressões culturais populares. Dito isso, podemos afirmar que as narrativas dos acontecimentos que contam as “estórias” das batalhas entre cristãos e mouros persistem no imaginário popular dos povos ibéricos e do povo brasileiro como importante espetáculo de interesse popular (BARRETO, 1996).

A festa popular da Bugiada no contexto da folkcomunicação

Na atualidade emerge o crescimento do neomadismo – *peregrinos-turistas* – que trilham os caminhos medievais rumo aos diferentes lugares sagrados e profanos, quase sempre viabilizados pelos pacotes das empresas de turismo. E nesse sentido as festas populares ressignificam para atender as demandas de consumo da sociedade midiaticizada. Ao contrário do que apregoavam os pessimistas, que as festas populares tradicionais estavam correndo grande risco de desaparecimento com a globalização cultural, o que estamos assistindo é o surgimento e com maior intensidade dos novos agentes intermediários ativistas culturais no sistema da folkcomunicação como operadores das mediações entre os produtores de bens culturais midiáticos e a recepção nas comunidades organizadoras e realizadoras das festas. É nessa perspectiva que venho investigando as festas populares tradicionais, não se trata de um estudo antropológico ou sociológico nem de religiosidade, poderia dizer que também é, mas trata-se, especialmente, de compreender os processos da folkcomunicação nas festas tradicionais da piedade popular que são cada vez mais associadas aos acontecimentos midiáticos e que passam por ressignificações importantes nas estruturas de produção, de realização e de sentido cujos interesses são potencializados pela indústria do entretenimento, do turismo e do poder político.

A comissão organizadora da festa coordena uma longa jornada de planejamento da Bugiada, cujas ações são estruturadas pelos intermediários ativistas culturais que, nas redes da folkcomunicação, operam as mediações negociadas nas diferentes estâncias da comunidade, para a manter e dinamizar a tradição do São João em Sobrado. São esses novos agentes intermediários que atuam como ativistas culturais nas redes da

folkcomunicação como atores sociais portadores das tradições da festa, mas não estão desvinculados dos acontecimentos da atualidade, inclusive das demandas de interesses dos novos consumos de bens culturais populares na sociedade midiaticizada. Assim como no percurso da história da sociedade humana os agentes intermediários ativistas culturais – *errantes, nômades, andarilhos* – atualizaram-se nas redes mnemônicas, agora são os agentes intermediários ativistas culturais da rede da folkcomunicação que estão atualizando-se, bem como os membros da comissão organizadora da festa do São João em Sobrado – *juiz e mordomos* – que operam as mediações entre os diferentes interesses das instituições da exterioridade e os interesses da sociedade portadora das tradições da festa.

A festa de São João em Sobrado não poderia ficar de fora desse novo contexto, cada vez mais conta com o apoio de empresas locais e regionais que se apropriam da festa como estratégia de venda dos seus produtos. A Associação Casa do Bugio é a responsável pela divulgação da marca oficial da festa em produtos comercializados como vinhos, biscoitos, adereços dos Bugios e Mourisqueiros e com isso institucionaliza a marca da festa como produto mercadológico (BUGIADA; MOURISCADA, 2019).

No mundo globalizado é crescente o interesse da indústria cultural midiática pelo consumo, de bens culturais materiais e imateriais, de produtos cujas origens são da cultura tradicional popular. As festas religiosas populares ganham novas expressões ritualistas da espetacularização com inferências dos produtores culturais vinculados à indústria de comidas, de bebidas, do turismo e tantas outras que incentivam o consumo dos produtos locais e regionais. Aos poucos os negociantes da região de Valongo estão se apropriando desses elementos da cultura popular da festa de São João para incentivar ainda mais o consumo dos seus produtos e principalmente no período da festa.

A Bugiada em Sobrado entrou definitivamente na rota das festas populares que avançam nas diferentes frentes estratégicas dos agentes intermediários ativistas culturais e nos processos de atualização, operados na rede da folkcomunicação, para atender as demandas de interesse no mundo globalizado.

Assim sendo, um dos caminhos metodológicos para investigar as festas populares na atualidade é o da Teoria da Folkcomunicação, que possibilita compreender essas festividades enquanto mobilidade de relações entre os grupos primários e secundários nas negociações operadas por agentes intermediários ativistas culturais das redes

folkcomunicaçãois e os representantes dos interesses das indústrias do entretenimento na realização do São João em Sobrado. As festas populares que tinham o espaço e tempo anteriormente delimitados no local e regional agora, no contexto da sociedade midiaticizada, expandem-se nas redes globais de comunicação em escala planetária.

A Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação – REDE FOLKCOM, tem um protocolo de investigação com o objetivo de identificar os processos comunicacionais das festas populares no contexto da sociedade contemporânea, suas interações dialéticas coexistentes entre as tradições e os novos valores veiculados pelas mídias. Esse protocolo de investigação já foi testado em diversas pesquisas cujos objetivos e metas são abertos possibilitando a adequação a cada especificidade estudada, no sentido de compreender as festas populares na atualidade como iniciativas mobilizadoras das comunidades humanas, assumindo dimensões culturais, religiosas, políticas e comerciais (MELO, 2008).

O caminho metodológico

A folkcomunicação ajuda a compreender como atuam os novos agentes intermediários ativistas culturais como atores sociais portadores dos códigos que predominam nos seus grupos e dos novos códigos veiculados pelos sistemas midiáticos. Ao contrário do que se pensa, na sociedade midiaticizada os agentes intermediários ativistas culturais da folkcomunicação são importantes operadores das negociações entre os brincantes das manifestações culturais tradicionais e os agentes das instituições da exterioridade (mídias, redes sociais, turismo, etc.).

A festa da Bugiada desperta os desejos da sociedade midiaticizada por ser polissêmica constituída de diferentes vozes, vinculadas aos fatos sagrados e profanos, pelas multicoloridas indumentárias e adornos nos espaços públicos das ruas e nos espaços privados das casas, dos estandartes, das alegorias, da diversidade gastronômica, das representações grotescas, satíricas, cômicas e do risível provocados pelas palhaçadas dos personagens que interpretam as tradições da festa de São João em Sobrado. São manifestações culturais com suas especificidades e que se enquadram no campo dos acontecimentos midiáticos de interesses da indústria do entretenimento.

A tomada do castelo dos mouros pelos cristãos nas festas populares –*sagradas e profanas* – são cerimônias cheias de representações simbólicas, que provocam ajuntamentos de pessoas de diferentes segmentos socioculturais, que participam das celebrações festivas mesmo estando em lugares distantes, até porque as festas tradicionais estão perdendo o

sentido apenas do local. Na sociedade globalizada as festas populares locais ganham cada vez mais espaço na mídia com a participação ativa dos constituintes da audiência nas transmissões ao vivo na televisão e redes sociais. A festa da Bugiada em Sobrado é um acontecimento festivo organizado e realizado em campos híbridos tradicionais da religiosidade popular, onde as fronteiras dos campos religioso e profano cada vez mais se aproximam. Portanto, a Bugiada é uma celebração anual, em homenagem ao dia de São João, em constantes processos de atualizações, assim como acontece em diferentes partes do mundo com as festas tradicionais populares.

O São João em Sobrado é um território fértil para a investigação participativa no campo da folkcomunicação, pela diversidade de manifestações, das novas características como resultados dos hibridismos culturais representadas simbolicamente pelas narrativas passadas e presentes, que transformam as novas configurações, os novos códigos de conduta dos diversos protagonistas no modo de produção e organização dos festejos populares (SCHMIDT, 2007, p. 36). Os autos populares do ciclo carolíngio sempre foram uma forte tradição no imaginário do povo português e ocorrem em várias localidades do país em datas diferentes, com as especificidades de cada festa, que reproduzem as novelas de cavalarias com suas representações simbólicas da expansão do cristianismo no Velho Mundo (ABREU, 2001, p. 24). A Bugiada de Sobral é uma dessas festas que representa as batalhas entre Bugios (cristãos) e Mourisqueiros (mouros), cuja narrativa conta mais uma “estória lendária” da luta entre o bem e o mal pela posse da imagem milagrosa de São João.

A lenda da festa da Bugiada

A filha do Reimoeiro, o rei mouro, estava muito doente desenganada pelos médicos da corte e como tinha conhecimento que a filha do rei cristão, o Velho da Bugiada, tinha sido curada pela milagrosa imagem de São João, o Reimoeiro convida o Velho da Bugiada para um jantar e pedir-lhe a imagem de São João por empréstimo na tentativa de curar a sua filha. Mas, o Velho da Bugiada desconfiado não aceita o convite com medo de ser uma armadilha do Reimoeiro para ficar de posse da imagem milagrosa. O Reimoeiro desesperado declara guerra ao Velho da Bugiada e tem início uma longa batalha, pela posse da imagem milagrosa de São João, cujo confronto festivo acontece no dia 24 junho no início de verão no hemisfério norte desde os tempos da invasão moura na Península Ibérica e da ocupação da serra Cuca Macuca que atualmente chama-se serra Justa.

O mundo pelo avesso ou da desordem social

Sobrado, no dia de São João, torna-se um grande terreno de batalhas de enfrentamento dos dois grupos festivos “antagônicos” dos Bugios e Mourisqueiros que percorrem as ruas da freguesia com suas músicas e danças típicas, mas o confronto entre os grupos só acontece já no final da tarde na batalha da tomada do castelo dos Mourisqueiros pelos Bugios. Essa batalha é um acontecimento constituído de campo simbólico polarizado entre cristãos e mouros onde as relações de força são estabelecidas festivamente por diversos protagonistas que participam das celebrações em homenagem a São João. Entre os protagonistas dos festejos profanos destacam-se o Reimoeiro dos Mourisqueiros, o Velho dos Bugios, o Cego, o Sapateiro e sua mulher, o Cobrador dos Direitos, Semeador e o desfile carnavalesco da Crítica.

Bugios (cristãos) e Mourisqueiros (mouros) são um exemplo extraordinário da sobrevivência de bens culturais medievais na festa de São João em Sobrado, onde quase tudo acontece ao contrário, da inversão dos valores e papéis sociais, que são características das celebrações religiosas e das festas carnavalescas na Idade Média. Na bugiada observamos vários eventos que estão vinculados a festas cujas origens são tão antigas quanto a expansão do cristianismo na Península Ibérica. Portanto, no São João de Sobrado o mundo fica pelo avesso ou quase tudo acontece ao contrário e tem suas origens nas tradições milenares do Velho Mundo, onde nos campos de disputas entre o sagrado e o profano prevalece o espírito carnavalesco (AMORIM; BENJAMIN, 2002).

O Grupo dos Mourisqueiros

Representa os mouros infiéis, é constituído de soldados jovens que não usam máscaras, tem uma formação de característica militar com duas filas em número par e entre as filas fica o *Reimoeiro* comandante do grupo. Os dois figurantes – *soldados* – que ficam na frente da fila são denominados de *Guias*, os que ficam atrás das filas são os *Rabos* e os do meio recebem a denominação de *Meios*. É um grupo disciplinado que obedece às ordens do comandante, desfila ordeiramente pelas principais ruas de Sobrado com as espadas em punho como se estivesse em posição de defesa. Suas indumentárias, coreografias e ritmos assemelham-se às formações dos pelotões militares. O grupo participa diretamente das celebrações religiosas dentro e fora da igreja na missa solene e na procissão conduzindo os andores das imagens de São João e Santo André. Durante toda a festa é acompanhado por único músico que marca o ritmo tocando uma caixa.

Uma das características do grupo Mourisqueiros é ser constituído exclusivamente por homens jovens solteiros, não há participação de mulheres nem crianças. Essa tradição seria uma resignificação dos antigos sistemas das guildas – *corporações dos mestres dos ofícios* – sociedades secretas com o objetivo de viajar por diferentes localidades da França, o denominado – *tour de France* – para sistematização de políticas em defesa da classe trabalhadora na organização de greves e “protótipos de sindicatos”. Ou seja, “Os oficiais franceses, por exemplo, tinham os seus *compagnonnages* ou *devoirs*, cujos membros ativos consistiam principalmente de solteiros entre 18 e 26 anos de idade”. Essas organizações espalharam-se na Europa divulgando as suas ideias através de rituais secretos nos trabalhos ou nas festas dos seus padroeiros e padroeiras (citado em Burke, 1989, p. 66). Os Mourisqueiros (mouros infiéis) não participam diretamente dos espetáculos com encenações obscenas e das transgressões da ordem social, têm como objetivo estratégico roubar a imagem milagrosa de São João e prender o Velho da Bugiada no seu castelo.

O Grupo dos Bugios

Representa os cristãos, tem grande número de participantes sem restrições de idade e de gênero, são mascarados e suas indumentárias são multicoloridas com predominâncias das cores vermelha, azul, verde e laranja. Desacatam-se pelo uso de capa, chapéu de abas largas ornamentados com fitas coloridas, na altura da cintura uma faixa larga de cor vermelha, os calçados são diversificados, as meias são longas até a altura dos joelhos, têm listas de várias cores e guizos pendurados. O grupo sai em cortejo pelas ruas de Sobrado em duas longas filas com cerca de 800 brincantes comandado pelo *Velho da Bugiada*, que é o seu Rei, fazendo muito barulho para divertir o público com gritos, saltos e algazarras. O Velho vai na frente, entre as duas filas, usa indumentária diferente dos demais brincantes estimulando o grupo com palhaçadas e transgressões. Usam luvas brancas, nas mãos levam castanholas, rosas, bichos de pelúcia, bonecas, buzinas, grandes colheres e grafos de madeira, alho porro ou martelinho, chifre de boi, rabo de raposa e de coelho, e tantos outros objetos conforme a criatividade de cada brincante. O grupo é acompanhado por uma orquestra de violões e violinos, com forte marcação rítmica das castanholas, dos guizos e sons dos brincantes imitando animais (PINTO, 1983; LOPES, 2008). O grupo que representa os cristãos é transgressor da ordem social, com atitudes obscenas e “diabólicas” provocando risos e alegrias na multidão das ruas de Sobrado quando passam

aos gritos e pulos. Como quase tudo acontece ao contrário na festa em Sobrado, Bugios também seria um ressignificado das antigas encenações do *Mistério da Paixão* ou do *Mistério de São João*, onde era permitido que as pessoas mascaradas e vestidas de diabo corresse pelas ruas das aldeias em total desgoverno nos dias que antecediam as festas. Ou seja:

Injúrias e obscenidades faziam parte do seu repertório: agiam e falavam contrariamente às concepções oficiais cristãs, como aliás o exigia o papel. Faziam em cena um barulho e uma confusão extraordinária, sobretudo se se tratava da “grande diabrura”. Daí a expressão “fazer o diabo a quatro” (BAKHTIN, 1993, p. 232).

Portanto, Bugios (cristãos) é o grupo com maior número de desordeiros, de transgressores da ordem social, provocadores e desobedientes das regras comportamentais do que seria um “bom cristão”. É mais uma demonstração que na festa da Bugiada quase tudo acontece ao contrário e os brincantes do grupo não participam diretamente das solenidades religiosas na missa solene e nem conduzem andores com santos na procissão.

Os entremeios ou a festa carnavalesca

A Cobrança dos Direitos é uma manifestação que ocorre no início da tarde do dia 24 de junho, no intervalo das batalhas entre os cristãos e mouros em que um dos brincantes da Bugiada, escoltado por outros Bugios, montado ao contrário num burro passeia no meio da multidão representando, de forma satírica, um cobrador de impostos. Acompanhado por Bugios e outras pessoas, numa verdadeira desordem, o cobrador vai aos estabelecimentos comerciais e às barracas que vendem comidas e bebidas nas ruas de Sobrado, no perímetro da festa, para recolher os impostos “devidos”. O cobrador traz na mão um livro velho e uma grande caneta para anotar os pagamentos recebidos e usa como tinteiro o ânus do burro para molhar o bico da caneta. É uma cobrança simbólica de arrecadação de comidas e bebidas feita com muita algazarra e desordem:

Geralmente só vão às tendas de doces, de comidas, e sobretudo de bebidas. Se o tasqueiro arma em mal humorado e insolente, os Bugios “pintam o diabo”, viram tudo de pernas para o ar, fazendo grande “chinfrim”. Se lhes dão vinho, fazem que bebem (e muitos bebem mesmo), derramando-o pelo peito abaixo; se lhes dão cerveja, “agitam-na bem antes de usar” espalhando a espuma pela cabeça dos circunstantes (PINTO, 1983, p. 19).

A cobrança dos direitos é uma manifestação no campo profano que vamos encontrar em diferentes festas populares como uma das representações simbólicas de críticas aos impostos abusivamente cobrados pelos poderes públicos. E como o mundo fica pelo

avesso em Sobrado no período da festa, o espetáculo *cobrança dos direitos* é mais uma das encenações satíricas, cômicas e que faz a alegria da multidão aglomerada no território do Largo Passal, que corre de um lado para o outro atrás do cobrador de impostos.

A sementeira invertida

Quando finaliza o espetáculo da cobrança dos direitos vem em seguida a encenação da sementeira invertida apresentada por populares mascarados, com roupas velhas e surradas imitando o pobre que trabalha no campo. Os trabalhadores rurais figurantes vão jogando as sementes para o alto num movimento de semeadura invertida como se estivessem plantando no espaço e não na terra. Os brincantes da Bugiada vão abrindo passagem no meio da multidão para que a encenação do espetáculo da sementeira invertida possa ser visto melhor a entrada do arado em encena. O arado é puxado por burros dando voltas rápidas bem próximo dos espetadores que correm, pulam, gritam para não serem atingidos, mas ao mesmo tempo vibram, dão risadas de demonstração de alegria e satisfação de participar do espetáculo do mundo pelo avesso. A sementeira invertida é uma encenação no entorno do Largo Passal que representa de forma satírica as origens das festas cíclica agrícolas do início de verão no hemisfério norte.

A dança do cego e sapateirada

É um dos momentos mais esperados da festa que acontece nas mediações do adro da igreja na presença de um grande público. A montagem do cenário é realizada por alguns brincantes da Bugiada que na rua em frente a porta principal da igreja e da casa paroquial constroem um charco com água suja de excremento de animal e capim. É um espetáculo cujo enredo conta a história de um cego e seu guia, de um sapateiro e sua mulher (personagem masculina vestida de mulher), com enredo e tramas onde prevalecem o ódio, o amor, o risível, o cômico, o grotesco e o obscuro que são interpretações tradicionais nas construções dramáticas do gênero teatral popular de rua encenado nos adros das igrejas e praças públicas no período das antigas festas de Corpus-Christi, de São João Batista, de santos e santas padroeiros e padroeiras de algum lugar e nas festas de carnaval. A dança do cego e sapateirada é mais um exemplo da ressignificação dos espetáculos encenados nas antigas festas de São João na passagem do solstício de verão com enredos que continuam conquistando importantes públicos nas festas tradicionais populares no contexto da sociedade midiaticizada.

Essa festa adotava uma forma carnavalesca em algumas comunidades que tinham São João como santo padroeiro. Era o caso, por exemplo, de Chaumont, na diocese de Langres, onde as semanas que antecediam a festa eram dedicadas ao “desgoverno”, organizado, ou antes, desorganizado por demônios. Os demônios, um tanto parecidos com os “caldeus” russos, atiravam fogos de artifício na multidão, corriam pela cidade nas noites de domingo, aterrorizavam o campo e cobravam taxas no mercado (BURKE, 1989, p. 218-219).

No Largo Passal, local onde é encenada a dança do cego, concentra-se uma multidão para assistir as travessuras e algazarras de alguns brincantes da Bugiada que atuam como coadjuvantes do espetáculo protagonizado pelo cego e seu guia, pelo sapateiro e sua mulher. Como já foi dito, a festa da Bugiada é famosa na região do Valongo pela inversão da ordem dos acontecimentos narrando quase tudo pelo avesso. Aqui vem outro questionamento com relação a encenação da dança do cego ou sapateirada. Não seria também uma ressignificação da participação das antigas corporações de ofícios nessas festas populares e em Sobrado narrada ao contrário?

Nas festas da piedade popular as corporações de ofícios e seus mestres tinham um importante papel na organização, na realização das celebrações religiosas e profanas, inclusive com destaques nas procissões conforme a posição hierárquica de cada um na comunidade. As corporações tinham os seus santos padroeiros, rituais específicos transmitidos de geração em geração para manter as tradições do ofício e, quanto mais especializado o trabalho, o mestre e os seus aprendizes tinham posições privilegiadas no seu grupo social.

O sapateiro era um profissional que tinha uma vida social respeitada na comunidade, com um nível financeiro e cultural acima da média, geralmente sabia ler e escrever e por esses motivos admirado pelas moças mais cobiçadas da sociedade. Na Idade Média as narrativas sobre os feitos dos sapateiros como grandes mestres eram cantadas e contadas nas redes de comunicação orais e escritas, nas peças, teatrais nas ruas, nas praças e o seu personagem quase sempre eram um dos heróis das estórias

Os sapateiros aparecem como heróis também na Europa continental; na famosa canção folclórica francesa *Le petit cordonnier*, é o sapateiro que fica com a moça tão disputada. Sobrevivem canções e estórias germânicas em louvor á sapataria; da mesma forma os *skomakarvisa* escandinavos, isto é, canções de trabalho dos sapateiros, e a Pomerânia polonesa registra o *szewc*, dança do sapateiro (BURKE, ob. cit. p.65).

Os sapateiros se envolviam na política, com opiniões religiosas, às vezes contrárias a pregações oficiais da igreja e por esses motivos alguns sapateiros pagaram até com a

própria vida por defender seus pontos de vista e suas profecias. Ao contrário do sapateiro os cegos eram andarilhos, pedintes, vistos como artistas vagabundos, como malandros e que sempre davam um jeitinho para conseguir seus objetivos.

Cantores e improvisadores de versos que se apresentavam nas feiras, nas festas e nas portas das igrejas para ganhar um pouco de dinheiro, geralmente analfabetos, não tinham grande prestígio na sociedade, quase sempre eram pobres apesar de serem artistas e com a sua arte agradarem um determinado público. Muitos desses artistas-vagabundos parecem ter sido cegos. “Na Espanha, o nome usual para um cantor de rua costumava ser *ciego*” (BURKE, ob. cit. p.123).

Nos contos, nos romances e na literatura de cordel, que vem deste o período medieval até os nossos dias, é possível encontrar diferentes narrativas, intermediadas por esses ativistas culturais nas redes folkcomunicacionais, importantes acontecimentos de época contados por cegos nas feiras, nas festas e portas de igreja no Nordeste brasileiro. O pesquisador brasileiro Jackson Lima (1977), num importante estudo dos cantos e contos populares faz um percurso profundo sobre o cego como narrador de histórias cujas origens estão diretamente vinculadas aos acontecimentos medievais e que chegaram no Nordeste brasileiro atualizados por diferentes sistemas de comunicação.

A dança do cego e sapateirada é mais uma encenação ressignificada das histórias das cooperações de ofícios representadas nas antigas procissões, nas festas profanas e que continuam presentes na Bugiada em Sobrado. A dança do cego e sapateirada é um extraordinário espetáculo popular que merece um estudo específico no contexto da festa em Sobrado. Portanto, a dança do cego e sapateirada encenada na fronteira dos territórios sagrado (igreja) e do profano (a rua) é uma representação teatral notável – performática – que através dos seus personagens narram uma história dramática, cômica, satírica, obscena e sobre tudo risível.

Algumas questões finais

Nas minhas observações exploratórias participativas, em 2013 e 2015, ficou evidenciado que a festa da Bugiada é constituída por complexas redes de intermediários ativistas culturais da folkcomunicação que operam os diferentes interesses na organização e realização da festa popular tradicional e agora no contexto da sociedade midiaticizada.

Mesmo com toda a globalização cultural e com os avanços crescentes nos campos profanos a festa continua sendo uma demonstração de fé que a população de Sobrado e

dos seus entornos têm para com o São João. Mas também é carregada de insatisfações, de severas críticas aos poderes públicos e privados publicizadas pelos agentes intermediários ativistas culturais da folkcomunicação, que operam estratégias de encenação do teatro burlesco para contar à sua maneira “estórias do passado” entre cristãos e mouros e as histórias do presente entre o povo e as elites. Melhor dizendo, na paródia do cego e o sapateiro, na cobrança dos direitos, na sementeira invertida e no cortejo da crítica, o risível tem significação social (BERGSON, 1983). Portanto, é incorreto olhar a festa da Bugiada como um momento simplesmente de fuga da vida cotidiana e alienada dos importantes acontecimentos sociais e econômicos da atualidade.

Os brincantes da festa taticamente aproveitam-se do período da celebração da festa de São João para narrar o enfrentamento do bem e do mal, dos cristãos e mouros, numa batalha que todos já conhecem o seu final há centenas de anos, mas cada festa tem os seus percursos próprios e com as singularidades do local. A batalha entre cristãos e mouros na festa da Bugiada é diferente do Auto da Floripes, do Auto de Santo Antônio e do Auto do Rei David nas festas tradicionais sem Portugal. Assim como é diferente das batalhas entre cristãos e mouros representadas no Brasil na Chegança, na Nau Catarineta, na Cavalhada, na Literatura de Cordel, nos Contos e Romances Populares, onde cada uma tem suas peculiaridades narrativas.

As batalhas entre cristãos e mouros, entre bem (azul) e o mal (encarnado), onde esse último sempre é derrotado, são narrativas do ciclo carolíngio, das canções de gestas que contam os feitos dos reis católicos contra os infiéis mouros seja em Portugal, na Espanha e no Brasil sempre tem um final feliz e todos terminam em paz. A festa da Bugiada não deixa de ser uma das representações ressignificadas das antigas rupturas do valor social da vida cotidiana, da bagunça, da desordem, da transgressão consentidas pela igreja e as autoridades civis nas antigas festas de início do verão.

As fantasias multicoloridas, as máscaras, as músicas e danças dos Bugios e Mourisqueiros, os homens vestidos de mulheres, cartazes e faixas com críticas às autoridades eclesiásticas, a sociedade civil da localidade e nacional, nos desfiles da *A Crítica*, que neste trabalho não foi possível analisar com profundidade, assim como a encenação da prisão do *Velho da Bugiada*, a tomada do castelo pelos *Mourisqueiros* e posteriormente a sua liberação com a chegada da *Serpa* que prende os *Mourisqueiros* e que são convertidos em cristãos. O espetáculo de encerramento da festa de São João e

seus protagonistas: o Velho da Bugiada, o Reimoeiro, a Serpa, os Bugios, os Mourisqueiros e os Advogados, o desfile da Crítica será objeto de um outro estudo.

As festas populares, mesmo com toda a evolução e atualização para atender as demandas das mídias, das redes sociais, do turismo, enfim, da indústria do entretenimento, continuam estruturadas em valores culturais importantes que permanecem desde a Idade Média à Idade da Mídia. As festas populares tradicionais sempre passaram por diferentes processos de atualizações, mas agora não mais sob o poder da igreja como antigamente, mas cada vez mais sob o poder das mídias, do turismo e da indústria do entretenimento e do poder político. Assim podemos dizer que não é o mundo globalizado e muito menos a sociedade midiaticizada que vai acabar com as festas populares, porque o que estamos assistindo é o ressurgimento dessas manifestações crescentes em quase todas as partes do mundo.

A Bugiada, ou o São João em Sobrado, é mais um exemplo de uma festa popular em processo de transformação e ressignificação com o objetivo de atender as demandas da sociedade de consumo atual, não se afastando das suas marcas vinculadas à religiosidade e aos festejos profanos, mas continua sendo organizada e realizada pelos agentes intermediários ativistas culturais detentores de suas tradições.

Referências bibliográficas

ABREU, Alberto A. **O Auto da Floripes no imaginário minhoto**. Viana do Castelo: Câmara Municipal, 2001.

AMORIM, Maria Alice; BENJAMIN, Roberto. **Carnaval: cortejos e improvisos**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2002.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: HUCITEC, Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993.

BARRETO, Luiz Antônio. **Cristãos e mouros na cultura brasileira**. Eu-América: uma realidade comum? Rio de Janeiro: Comissão Nacional de Folclore/IBEC/UNESCO/Tempo Brasileiro, 1996.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

BENJAMIN, Roberto. **Folkcomunicação no contexto de massa**. João Pessoa: Editora Universitária, 2000.

BERGSON, Henri. **O riso**: ensaio sobre a significação do cômico. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

BUGIADA; MOURISCADA: **São João em Sobrado**. Disponível em: <<https://saojoaosobrado.wordpress.com/merchandising/>>. Acesso em 31 abril. 2019.

BURKE, Peter. **Cultura popular na idade moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ECO, Umberto. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

SILVA, Jackson, Lima da. **O folclore em Sergipe I**: romanceiro. Rio de Janeiro: Cátedra, Brasília. INL, 1977.

LE GOFF, Jacques. **O Deus da Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

LOPES, Aurélio. **A Festa dos Bugios do Sobrado**. Instituto de Estudos de Literatura Tradicional/Fundação para Ciência e Tecnologia/IRELT. Lisboa, 2008.

MARTIN, J. Lopez. Tempo sagrado, tempo litúrgico e ministério de Cristo. **In: A celebração na Igreja III**: ritos e tempos da celebração. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

MELO, José Marques de. **Mídia e cultura popular**: história, taxionomia e metodologia da Folkcomunicação. São Paulo: Paulus, 2008.

PINTO, Manuel. **Bugios e Mourisqueiros**. Edição da Associação de Defesa do Patrimônio e Cultura do concelho de Valongo/Portugal, 1983.

SCHMIDT, Cristina. Teoria da Folkcomunicação. **In: Noções básicas de Folkcomunicação**: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões. Organizadores: Sérgio Luiz Gadini e Karina Janz Woitowicz. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **Folkcomunicação e ativismo midiático**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. Os agentes intermediários culturais e os processos de atualização na folkcomunicação. **Revista Internacional de Folkcomunicação**. Ponta Grossa, v.16, n.37, 2018. Disponível em:

<<http://www.revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/2388/563563648>>. Acesso 14 maio. 2019.